

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de LisboaProf. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
sProfª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
aProfª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) | |
|--|---|
| D631 | Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195 |
| Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO 5****CAPÍTULO 1 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE


Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA


Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 48**


NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO


Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira






Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 125 |
| ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE | |
| João Milton Walter Tavares | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018 | |
| CAPÍTULO 9 | 143 |
| A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA | |
| Lauro Barbosa | |
| Maria Cristina Poli | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019 | |
| CAPÍTULO 10..... | 156 |
| O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA | |
| Mauricio Rodrigues de Souza | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110 | |
| CAPÍTULO 11 | 172 |
| O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES | |
| Ana Flávia Cicero Conde | |
| Paulo José da Costa | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111 | |
| CAPÍTULO 12..... | 187 |
| MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR | |
| Emanuely Jackeliny Pissinati Martins | |
| Viviana Carola Velasco Martinez | |
| Paulo José da Costa | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112 | |
| SOBRE OS AUTORES | 205 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 208 |

A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA

Data de aceite: 11/11/2022

Lauro Barbosa

Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4667814255477411>

Maria Cristina Poli

Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6834915170027805>

Dos três maiores trágicos gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides –, esse último é o que mais dedicou obras às mulheres. Foi tido por Aristóteles (2008), em *Poética*, como “o mais trágico dos poetas” (p. 62) e apresentado por Aristófanes (2005) na comédia *As Tesmoforiantes*, encenada em 411 a.C., como o personagem condenado à morte pelo Conselho de mulheres devido ao modo como as retratava em suas tragédias. Decerto, Eurípides ressaltou as mulheres em situações de pleno desvarios ou desarraozamentos e, ao que tudo indica,

o ápice de sua obra referente ao desmedido do feminino foi produzido em Medeia (datada de 431 a.C.).

A personagem Medeia nos é apresentada como uma mulher tomada por amor e ódio que, diante da infidelidade e do abandono do marido Jasão, encontra-se perdida e furiosa. A situação culmina em uma radicalidade tal que ela executa um plano de vingança em resposta ao ultraje de Jasão, a fim de castigá-lo: o assassinato de seus próprios filhos.

Não é de surpreender que Medeia seja uma das personagens femininas mais notáveis e impressionantes da dramaturgia. Tal como observou e interrogou recentemente Vera Pollo (s.d.):

Desde as tragédias gregas, a “verdadeira mulher” se define por não ser uma mãe. Assim sendo, não nos parece contingencial o fato de que Medeia, de Eurípides, foi uma das peças mais encenadas ao longo de todo o século XX no mundo ocidental. O que significaria esta ênfase na leitura teatral de uma peça que acentua o hiato entre a mãe e a mulher? (p. 3).

É de se notar que, a propósito de uma possível metodologia de interlocução entre psicanálise e arte, “a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição é a de se lembrar com Freud que em sua matéria o artista sempre o precede, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho” (LACAN, 2003a, p. 200). O ponto notável consiste no fato de que o artista precede o psicanalista e a própria construção da metapsicologia freudiana é prova disso quando, por exemplo, – não obstante seu interesse pela tragédia grega – Freud pontua, numa carta a Fliess em 1897 (cf. Masson, 1986), o quanto revela-se a trama da sexualidade em Édipo Rei de Sófocles:

[...] a lenda grega [Édipo Rei] capta uma compulsão que todos conhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (MASSON, 1986, p. 273).

Se a peça foi a tragédia grega mais encenada ao longo do século XX (FOLEY, 2012) e perdura com o seu vigor literário até a atualidade, cabe-nos questionar o que e ao que Medeia nos expõe? Qual provocação Eurípedes nos endereçou com o ato filicida da personagem? Com Pollo (s.d.), parece-nos preciso interrogar tamanho destaque dado a uma obra que evidencia o hiato entre a mulher e a mãe. Tal separação, ou mesmo clivagem, parece estar na base da proposição de Lacan (1998b, p. 772) de que o ato filicida de Medeia é o “ato de uma verdadeira mulher”.

Acrescentaríamos ainda a forma como Lacan lê o lugar de uma mulher/mãe quando afirma, na aula de 21 de janeiro de 1975 de *O seminário, livro 22: R.S.I.* (s.d.), que – enquanto “um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito amor estiver *père-vertidamente* orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto *a* que causa seu desejo” –, uma mulher se ocupa de “outros objetos *a* que são as crianças.” (p. 23).

Seria neste contexto, em que uma mulher toma seus filhos como objetos *a*, que se pode ler o filicídio como uma espécie de assinatura de sua posição?

Para Freud (1992b, p. 186), lembremos, o filho participa da série simbólica do falo; é por esta via que, segundo ele, as meninas concluem seu Édipo ao aceder à maternidade. Mas, como escreve Lacan, “convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno” (LACAN, 1998a, p. 739). Isto é, seria Medeia um caso exemplar e alegórico de que o filho pode não ser (ou não ser somente) o falo?

A VERDADEIRA MULHER

Em texto escrito sobre a psicobiografia de André Gide, Lacan (1998b) designa tanto os atos de Madeleine – esposa do escritor francês - quanto de Medeia como atos de uma verdadeira mulher. No caso de Madeleine, “ao se sentir preterida em seu amor, queima as cartas endereçadas a ela, objeto fetiche dele, e, com isso, o atinge no que ele tem de mais caro” (MIRANDA, 2011, p. 71). Já Medeia assassina os filhos após a traição e o abandono de Jasão, tirando-lhe a sua descendência, um de seus bens mais preciosos.

Em *Medeia*, de Eurípedes (2007), depois do abandono do marido, a personagem manifesta a dor da perda de seu amor: “como sou infeliz! Que sofrimento o meu, desventurada! Ai de mim! Por que não morro?” (Eurípedes, 2007, vv. 115-116, p. 23). Para Freud (1992c, p. 135), a condição de angústia sofrida pela mulher diante da perda de amor revela que “não se trata da ausência experimentada pela perda real do objeto, mas da perda do amor por parte do objeto”, posto que “ser amada é para uma mulher uma necessidade mais forte do que amar” (FREUD, 1992d, p. 122).

Em sua investigação sobre o feminino e o crime passional, Neri (2007, p. 22) pontua que, “diante da possibilidade da perda do objeto, a mulher diria: se você me deixar, eu me mato”. Já em pesquisa sobre o gozo no feminino, Miranda (2011, p. 70) aponta que “o amor pode levar uma mulher à loucura, pois, para algumas mulheres, perder o objeto de amor é perder a razão de viver”, exemplificando a afirmação com o caso de Jeanne Hébuterne, mulher do pintor Amoedo Modigliani, que mesmo grávida de nove meses e com uma filha de dois anos, se mata no dia seguinte à morte do marido, revelando que “a maternidade não conseguiu que a mulher Jeanne se mantivesse em vida sem o seu objeto de amor e paixão” (MIRANDA, 2011, p. 70).

Medeia faz crer que perdeu a própria razão de viver em consequência da perda do amor de Jasão: “Qual o proveito de viver ainda? Ai! Ai! Que venha a morte! Que eu me livre, abandonando-a, desta vida odiosa!” (EURÍPIDES, 2007, vv. 161-163, p. 25). Ela diz a ele: “eu esperava que, graça ao teu amor, muitas mulheres gregas teriam inveja de uma felicidade que devias dar-me” (vv. 581-583, p. 37).

As observações teóricas acompanham o contexto de infelicidade da personagem, no entanto, a tragédia de Eurípedes evoluiu de maneira tal que a dor da perda de amor da mulher Medeia não é sem certa manifestação de ódio: “pobre de mim! Que dor atroz! Sofro e soluço demais! Filhos malditos de mãe odiosa, por que não pereceis com vosso pai? Por que não foi exterminada esta família toda?” (Eurípedes, 2007, vv. 128-131, p. 24). A questão do entrelaçamento da infelicidade e do ódio englobam, portanto, a mulher-mãe Medeia: Eurípedes coloca em cena a mulher-mãe que não só sofre em excesso perante dor intolerável, mas que também vê a sua prole com Jasão enquanto malditos filhos de *mãe*

odiosa, deseja que pereçam com o pai e que desapareça a família – questionamento com pitadas de fúria que nos dá o itinerário da vingança por vir.

Notemos que a ama-de-leite lhe interroga: “teus filhos não têm culpa alguma nos desacertos de seu pai. Por que os odeias?” (EURÍPIDES, 2007, vv. 132-133, p. 22). Inclusive, a ama já havia assegurado ao leitor que “os filhos lhe causam horror e já não sente satisfação ao vê-los” (vv. 45-46, p. 18), mas devemos acompanhar tal afirmativa e concluir que Medeia odeia os filhos?

Lacan (2007) comenta sobre o *homem-devastação*, especificando a devastação/arrebatamento que o homem pode significar para uma mulher:

Se uma mulher é um *sinthoma* para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher, posto que o *sinthoma* se caracteriza justamente pela não-equivalência. Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*. Vocês podem inclusive articular isso como *lhes for conveniente*. Trata-se mesmo de uma devastação. (LACAN, 2007, p. 98)

Como bem pontuam Campista e Caldas (2017, p. 173) sobre o amor que devasta, Medeia afirma: “que mal terrível é o amor para os mortais!” (EURÍPIDES, 2007, v. 375, p. 32). Devastada pela perda de amor do objeto, ao que tudo indica, o seu ódio é alavancado fundamentalmente após o casamento de Jasão com a filha do rei de Corinto, Glauce: “vezes sem número a mulher é temerosa, covarde para a luta e fraca para as armas; se, todavia, vê lesados os direitos do leito conjugal, ela se torna, então, de todas as criaturas a mais sanguinária!” (vv. 298-302, p. 29). Depois, sabemos que ela emprega todos os meios possíveis para vingar-se de Jasão: “sucumbo à minha desventura. Sim, lamento o crime que vou praticar, porém maior do que minha vontade é o poder do ódio, causa de enormes males para nós, mortais” (vv. 1226-1229, p. 66).

Quanto ao processo de mudança do amor para o ódio, vale ressaltar que, no início da tragédia, Medeia se detinha muito mais em desejar a própria morte. Na sequência, há uma oscilação entre a espera de sua morte e do extermínio da família. Porém, quando firma o plano de vingança, ela visa fundamentalmente a que Jasão pague pelo ultraje e desapontamento amoroso: passagem do desejo de morrer ao de desferir o castigo que, por seu decreto, o ex-marido faz jus ao recebimento.

O texto da tragédia nos conta que o plano inicial incluía a morte de Jasão, da nova esposa Glauce, e de Creonte, rei de Corinto. Medeia, no entanto, conclui que o ex-marido deveria viver para testemunhar o sofrimento de seus atos. Parte da vingança se realiza com uma magia/envenenamento que ocasionam as mortes de Glauce e de Creonte. Em um só golpe, ela retira aquilo que o ex-marido se vangloriava: morta a nova esposa, anula-se a possibilidade de novos filhos, bem como se interrompe o alcance que tal casamento lhe

propiciaria ao poder de Corinto.

Mas tem mais. Medeia é mãe e Eurípidés acrescenta horror maior à vingança de sua personagem:

Tremo só de pensar em algo que farei depois: devo matar minhas crianças e ninguém pode livrá-las desse fim. E quando houver aniquilado aqui os dois filhos de Jasão, irei embora, fugirei, eu, assassina de meus muito queridos filhos, sob o peso do mais cruel dos feitos. (EURÍPIDES, 2007, vv. 903-910, p. 52)

Quando Corifeu a questiona, ela responde:

Corifeu: Ousarás mesmo exterminar teus próprios filhos?

Medeia: Matando-os, firo mais o coração do pai.

(EURÍPIDES, 2007, vv. 935-936, p. 53)

Parece pertinente considerar que é o desfecho dessa vingança que nos provoca e aguça tamanho horror. Allouch (1997) nos lembra que “a mãe, como todos sabem, é um objeto sagrado” (p. 225), no entanto, é crucial ponderar o tamanho destaque dado a leitura e/ou encenação da tragédia de Medeia ao longo do século XX se considerarmos que a tragédia nos apresenta uma mãe que mata os filhos mesmo quando, assinalado o contexto histórico, a cultura exalta e canoniza o amor materno.

Para Badinter (1985), o sentimento de amor materno “existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte” (p. 144), no entanto, o que há de novo acerca da maternidade, é justamente o fato de que “a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade” (p. 145) é um fenômeno construído ao longo da história, portanto, datado, e, é especificamente a partir de meados do século XVIII que surge tal associação entre amor e materno:

Desde o século XVIII, vemos desenhar-se uma nova imagem da mãe, cujos traços não cessarão de se acentuar durante os dois séculos seguintes. A era das provas de amor começou. O bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna. A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela (BADINTER, 1985, p. 201).

O que Medeia de Eurípidés nos apresenta? Além de mulher, ela é mãe. Apesar da ama-de-leite interrogar possível ódio da personagem direcionado aos filhos e a própria rotular-se como *mãe odiosa*, o ódio de Medeia não se dirige aos seus filhos. Tal assertiva desconstrói toda e qualquer possibilidade de identificação da mulher infanticida por oposição à mãe amorosa. Então, como pensar o filicídio em questão? A questão em Medeia é outra. Ela é mãe, mas não toda: do amor que devasta ao poder do ódio, Medeia mata os próprios filhos para ferir o coração de Jasão; e seus filhos são levados pelo ódio dirigido ao pai deles.

Em diálogo com Jasão, ela comenta a execução de sua terrível vingança:

MEDEIA: Quis apenas devolver os golpes
de teu instável coração como podia.

JASÃO: Mas também sofres. Nossas dores são as mesmas.

MEDEIA: É claro, porém sofro menos se não ris.

JASÃO: Minhas crianças! Que mãe perversa tivestes!

MEDEIA: Matou-vos a perfídia deste pai, meus filhos!

JASÃO: Mas não foi minha a mão que lhes tirou a vida.

MEDEIA: Foi teu ultraje, teu segundo casamento!

JASÃO: O leito abandonado justifica o crime?

MEDEIA: Essa injúria é pequena para uma mulher?

JASÃO: Se ela é sensata. Para ti, tudo é ofensa.

MEDEIA: Elas já não existem. Sofrerás por isso.

(EURÍPIDES, 2007, vv. 1552-1563, p. 76-77)

Nada de mais clássico, à primeira vista, que a noção de mulher que se define por ser uma mãe. Ao que tudo indica, essa noção de correspondência entre mulher e mãe fabula algo como uma moral materna cultural ao longo da história e lança uma espécie de mandamento às mulheres segundo a qual “deverão ser mães”.

Se a associação das palavras *amor* e *materno* significa a promoção da mulher enquanto mãe, salientando certo foco ideológico ao amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social (BADINTER, 1985), o resgate da tragédia de Medeia coloca em cena o rompimento dessa lógica. À diferença da idealização cultural da maternidade, há de se considerar situações em que “o filho fálico é passível de tamponar, de silenciar a exigência feminina, como vemos nos casos em que a maternidade modifica radicalmente a posição erótica da mãe” (SOLER, 2005, p. 35); no entanto, em Medeia atesta-se a disjunção entre a mulher e a mãe.

A tragédia mostra “com o ato infanticida até onde uma mulher pode ir quando o homem amado destrói os semblantes que a sustentavam como o objeto causa de desejo” (CAMPISTA; CALDAS, 2017, p. 184). Conforme bem destaca Miranda (2011), se a mulher não existe, o ato de Medeia “é fora da norma fálica, é desarrazoado, é não-todo, é louco e está na ex-sistência” (p. 71), e é principalmente carregado de ódio, posto que “nada concentra mais ódio do que o dizer onde se situa a ex-sistência” (LACAN, 1985, p. 164).

O ato de matar os filhos, seus objetos *a*, e que ela não tenha dado outra razão para isso senão o fato de “matando-os, firo mais o coração do pai” – o que acrescenta ao ato sanguinário o signo da fúria provocada por ver-se lesada nos direitos ao leito conjugal

–, nos mostra o ato de uma verdadeira mulher na medida em que ela é capaz de *matar* os filhos a mãe em si mesma para abrir no ser de Jasão um furo irremediável. Diante do insuportável, Jasão conclui que lhe resta “somente gemer curvado aos golpes deste meu destino” (EURÍPIDES, 2007, vv. 1538-1539, p. 76). Tal como Lacan (1998b) bem expressa, “pobre Jasão, que, tendo partido para a conquista do toirão dourado da felicidade, não reconhece Medeia!” (p. 773). Medeia nos ensina que “a verdadeira mulher se define por não ser uma mãe” (Pollo, s.d.), o que nos permite indicar que ela é verdadeira mulher justamente quando se distancia da posição de mãe.

Em “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, Freud (1992a) observou que a natureza do amor da mãe pelo filho recém-nascido é a de uma relação amorosa plenamente satisfatória:

O amor da mãe pela criança que ela nutre e cuida é muito mais profundo que seu afeto posterior pela criança crescida. Tem a natureza de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que não somente gratifica todos os desejos mentais (*seelischen Wünsche*), mas também todas as necessidades corporais; e se representa uma das formas de felicidade disponíveis para o ser humano, isso se deve à possibilidade de satisfazer, sem censura, moções de desejos há muito recalcadas e que devemos chamar de “perversas”. (FREUD, 1992a, p. 109)

É conhecida a afirmação de Lacan em *O seminário, livro 20: Mais ainda* (1985), segundo a qual o amor é o que vem em suplência à inexistência da relação sexual. De acordo com Lacan, a Psicanálise demonstra que é impossível escrever como tal a relação sexual, na medida em que não há complementariedade para a diferença sexual, pois a mulher não existe, isto é, não há A mulher, artigo definido para designar o universal, e, por sua essência, ela é não-toda.

O discurso analítico demonstra que “para esse gozo que ela é, não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse [objeto] a que será seu filho” (Lacan, 1985, p. 62), de tal modo que, “a mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe” (p. 62).

Caldas (2013) nos lembra que “na posição de objeto, não há sujeito, tampouco saber. Nem todos podem se situar aí. Talvez apenas a criança, originalmente, antes de nascer como sujeito” (p. 5). Não à toa, portanto, consideramos que o mais próximo que se poderia chegar da relação sexual seria por meio da relação entre mãe e seu recém-nascido, visto que a mulher entra na relação sexual enquanto mãe e o filho incorpora o objeto a.

Na lição de 11 de abril de 1978, em *O seminário, livro 25: o momento de concluir* (s.d.), Lacan faz uma ressalva para a afirmação de que não há relação sexual: “salvo para as gerações vizinhas, a saber os parentes por um lado e os filhos pelo outro. É no que

se detém - falo da relação sexual - e no que se detém a interdição do incesto” (p. 38); posteriormente, no mesmo seminário, refere-se à triplicidade que funda o fato da sucessão das gerações, dizendo que “há três, três gerações, entre as quais há relação sexual” (p. 38).

Lacan (2009, p. 69) nos diz que “A mulher não existe” e aponta atos de uma verdadeira mulher em Madeleine e em Medeia (LACAN, 1998b). Em Medeia, o ato de uma verdadeira mulher indica também que ela só o é justamente por distanciar-se da posição de mãe. Se o mais próximo que podemos chegar de uma relação sexual estaria na relação mãe-filho, para uma mulher, ser mãe de seus filhos pode aproximá-la de existir como A mulher, isto é, numa junção entre mulher e mãe. Nesta construção ideal própria ao sonho neurótico – e na qual a idealização cultural da maternidade se apoia igualmente - a mulher-mãe teria no filho-falo-objeto a obturação da castração. Diferente da posição da mulher que, situada no lado não-todo das fórmulas da sexuação, se fundamenta na falta do significante do Outro sexo, mantendo a hiância sempre em aberto.

DAS RELAÇÕES DE MEDEIA COM SEUS OBJETOS A

A tese falo-filho é, ao que tudo indica, uma das mais famosas formulações psicanalíticas acerca da maternidade. Notemos que a relação entre maternidade e falo emerge quando, baseado na clínica com suas pacientes neuróticas, Freud (1992b) descreve a construção do desejo de filho em resposta à inveja do pênis, decorrente do complexo de castração vivido pela menina em seu complexo de Édipo: “a menina desliza – ao longo de uma equação simbólica, diríamos – do pênis para um bebê” (p. 186).

A noção do filho como metonímia do desejo de falo vincula maternidade e castração ao estabelecer que o filho é um substituto do falo, fazendo da maternidade uma das saídas para o complexo de Édipo da menina enquanto via de compensação ou substituição fálica, portanto, associada fundamentalmente à castração e à falta.

Há em Freud (1992b) uma estreita relação entre tornar-se mulher e tornar-se mãe. A clínica nos revela que a análise possui conexão própria com a história de vida do paciente, uma vez que o sujeito do inconsciente é atravessado pelo tempo e pela história. Isto é, se o inconsciente é atemporal por não conhecer o tempo, as suas formações são construídas também a partir da história do sujeito na cultura.

Se se confunde tornar-se mulher com tornar-se mãe na obra freudiana – considerando-se que Freud era um pesquisador extremamente fidedigno aos dados de sua clínica –, tal confusão não só é criticável por evidenciar certo preconceito, mas também revela o notável imperativo de promoção da mulher enquanto mãe de sua época: haverá quem conteste que, na aurora do século XX, “deverás ser mãe” ecoava como um mandamento advindo de

um supereu cultural direcionado à mulher?

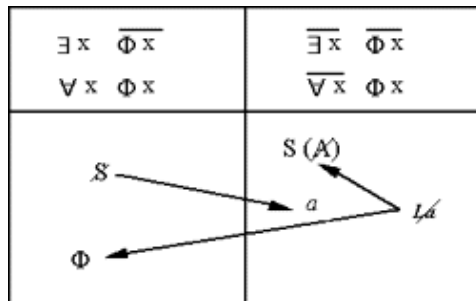
A saída da feminilidade em Freud denota o preconceito de redução da mulher à mãe, mas não sem considerar a conexão entre os dados clínicos observados e o discurso de sua época, condição que alude ao fato de que, diante do propósito de investigação do sujeito na cultura, é interessante aos psicanalistas “agregar à prática clínica do um-a-um a função de críticos da cultura que testemunham” (FUKS, 2011, p. 356).

Encontramos também na obra freudiana uma outra concepção da maternidade não menos importante. Em correspondência a Stefan Zweig, no dia 02 de junho de 1932, Freud (1960) comenta que a resistência de Breuer em atender Anna O. custou ao seu colega a perda de acesso às mães. Como se sabe, Anna O. apresentou uma gravidez psicológica, dizendo ter um filho de Breuer. Diante do amor transferencial, o médico encerrou o tratamento de sua paciente. Quando Freud destaca a ideia de acesso às mães no caso de Anna O., apresenta-se a noção do filho como metáfora do amor ao pai. Lacan (1995) propôs que o pai se torna para a menina “aquele que dá o objeto de satisfação, o objeto da relação natural de procriação” (p. 207), visto que o próprio Freud inclui que “seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho” (FREUD, 1992b, p. 198).

No ensino de Lacan acrescentam-se peculiaridades ao debate que, por sua vez, nos permite pontuar certa disjunção entre mulher e mãe. Na aula de 21 de janeiro de 1975 em *O seminário, livro 22: R.S.I.* (s.d.), Lacan destaca que “um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito amor estiver *père-vertidamente* orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto *a* que causa seu desejo” (p. 23) e, em contrapartida, uma mulher se ocupa de “outros objetos *a* que são as crianças”. Nominé (2007, p. 21) constrói um matema em concordância com a referida aula de Lacan:

$$\frac{\text{Homem}}{\$} \quad \Longrightarrow \quad \frac{\text{Mulher}}{a} / \frac{\text{Mãe}}{\$} \quad \Longrightarrow \quad \frac{\text{Criança}}{a}$$

O matema de Nominé (2007) expõe que, ao exercer a função materna, uma mulher usualmente situa-se no lugar de sujeito do desejo que busca do outro lado o objeto causa de seu desejo. Isso se deve ao fato de que a lógica das fórmulas da sexuação apresentada por Lacan em *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (1985) introduz uma distinção entre lado homem e lado mulher:



(LACAN, 1985, p. 105)

Na linha superior da fórmula, utilizando-se de símbolos da lógica quântica em que \forall significa *para todo* e \exists significa *existe ao menos um*, Lacan coloca que para todo x existe a função fálica de x , $\forall x \Phi x$. Em “O aturdito” (2003b), o autor escreve a falta como Φx , correspondendo-a à função fálica, logo, no lado homem, $\forall x \Phi x$ aponta que o homem toma inscrição como todo pela função fálica, exceto que tal função encontra seu limite em $\exists x \Phi x$, uma vez que existe ao menos um x para o qual a função fálica é negada. Dito de outro modo, existe ao menos um que não seja castrado para que todos sejam. No lado direito da linha superior, lado mulher, $\exists x \Phi x$ implica que não há nenhum que não seja castrado, mas não todo referido à função fálica, $\forall x \Phi$, na medida em que há a opção de se colocar ou não na função Φx , isto é, não para todo x , *phi* de x .

A mulher tem a opção de se colocar na função Φx ou bem de não estar nela, entretanto, a mãe localiza-se frequentemente no lado homem, regido pela referência ao falo, o que reforça a leitura da maternidade enquanto atribuição fálica exposta desde Freud em sua equação falo-filho. Todavia, é importante salientar aqui um distanciamento entre Lacan e Freud quando o ensino lacanian aponta uma disjunção entre mulher e mãe: há uma diferença entre ser objeto causa de desejo para a mulher e o ter o objeto causa de desejo para a mãe. Ao ocupar-se de seus objetos a , a mulher tem de lidar com a dialética de ter o falo, mas ter o objeto nada diz a respeito de ser objeto causa de desejo, que se situa em outro lugar.

A consideração teórica de Lacan (2016) acerca do complexo de Édipo da menina remonta a uma experiência típica em si mesma, esclarecendo-se que, quanto à dialética fálica do ter, “a mulher sempre tem de lidar, mesmo quando alcança a realização de sua feminilidade, com o objeto fálico como separado” (p. 480-481), isto é, a mulher não se confunde com a mãe e, mesmo diante da suposta *realização de sua feminilidade* na maternidade, a mulher ainda assim lida com o objeto fálico enquanto separado.

No enredo da tragédia de Eurípedes não faltam indicações que nos convidam a distinguir mulher e mãe. De certo, os filhos de Medeia não silenciam a sua exigência

feminina e, uma vez desfeitos os semblantes que a asseguravam enquanto objeto causa de desejo de Jasão, a personagem nos revela que o amor não é sem ódio: em consonância com a assertiva de que os filhos são seus objetos, a verdadeira mulher é capaz de matar os filhos para a execução de uma vingança contra o marido.

A mulher não existe, então, o que é uma verdadeira mulher? Se houvesse algum lugar em que a mulher existisse seria na psicose. O ato filicida de Medeia seria, então, um ato de loucura, que não se confunde com a psicose, mas um modo de dizer que se situa fora da norma fálica, se situa na ex-sistência, e, tal como Lacan (1985) aponta, “nada concentra mais ódio do que o dizer onde se situa a ex-sistência” (p. 164).

O que é dito com o ato filicida? A trajetória de Medeia nos apresenta o saber sobre uma não-correspondência entre mulher e mãe. Salvo as relações entre verdade e não-todo, a verdadeira mulher em Medeia expressa não só o distanciamento da posição de mãe, mas também a verdade de que o filho não é, somente ou exclusivamente, o falo: se, em consonância com Freud, o complexo de Édipo da menina culmina em um desejo de dar um filho ao pai, elevando o filho ao estatuto de metáfora de amor ao pai, Medeia nos mostra que os filhos são objetos e, assim como pôde dar filhos a Jasão, ela também pôde tirá-los. A tragédia de Eurípidés repercute até hoje, em nós, uma questão acerca da mulher e da mãe Medeia que permanece em aberto e torna-se para a psicanálise um elemento norteador para a ética, a teoria e a clínica.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, J. *Paranóia - Marguerite ou a “Aimée” de Lacan*. Tradução: D. D. Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

ARISTÓFANES. As Tesmoforiantes. In: ARISTÓFANES. *Duas comédias: Lisístrata e as Tesmoforiantes*. Tradução: A. S. Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 112-220.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CALDAS, H. A fala e a escrita da mulher que não existe. *Opção Lacaniana Online*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 1-12, 2013. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_10/A_fala_escrita_mulher_que_nao_existe.pdf Acesso em: 17 mar. 2022.

Campista, V.; Caldas, H. Medeia: o amor que devasta. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 173-192, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n2/03.pdf> Acesso em: 25 fev. 2022.

EURÍPIDES. Medeia. In: EURÍPIDES. *Medeia; Hipólito e As Troianas*. Tradução: M. G. Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 9-78.

FUKS, B. Duas propostas para a psicanálise contemporânea. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 355-376, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n2/v43n2a07.pdf> Acesso em 7 jun. 2022.

FREUD, S. *Briefe 1873-1939*. S. Fischer Verlag Frankfurt am Main, 1960.

FREUD, S. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992a. Vol. 11, p. 53-128.

FREUD, S. El seputamiento del complejo de Edipo. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992b. Vol. 19; p. 177-188.

FREUD, S. Inhibición, sintoma y angustia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992c. Vol. 20; p. 71-164.

FREUD, S. 33ª conferencia: La feminidad. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992d. Vol. 22; p. 104-125.

FOLEY, H. *Reimagining greek tragedy on the american stage*. Berkeley: University of California Press. 2012.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 04: a relação de objeto (1956-1957)*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a. p. 734-748.

LACAN, J. A juventude de Gide ou a letra e o desejo (1958). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b. p. 749-775.

LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo Arrebatamento de Lol V. Stein (1965). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003a. p. 198-205.

LACAN, J. O aturdido (1972). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003b. p. 448-497.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Tradução: Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 17: de um discurso que não fosse semblante (1971)*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. *O seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Tradução: Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 22: R.S.I. (1974-1975)*. [S. l.: s. n.: s. d.]. Disponível em: <https://doku.pub/download/jacques-lacan-o-seminario-livro-22-rsipdf-30j8ppkekgw> Acesso em: 3 mar. 2022.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 25: o momento de concluir (1977-1978)*. [S. l.: s. n.: s. d.]. Disponível em: <https://campopsicanalitico.com.br/media/files/asexo-ualidade.pdf> Acesso em: 14 jun 2022.

MASSON, J. M. (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MIRANDA, E. R. *O gozo no feminino*. 2011. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011). Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/14545> Acesso em: 29 mar. 2021.

NERI, H. O feminino e o crime passional. *Psicanálise & Barroco*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 07-24, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2007.v5i2.7-24> Acesso em 15 fev. 2022.

NOMINÉ, B. O que me ensinam as crianças e seus psicanalistas: proposta para uma direção da cura. (Tradução: Sonia Magalhães). *Revista Carrossel (EBP)*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 15-24, 2007.

POLLO, V. *Uma mulher, um nome, uma verdade*. [S. l.: s. n.: s. d.]. (Manuscrito em preparação).

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
Esfinge 82, 138, 139
Espelho psíquico 56
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
Estado mental 4, 100
Estados-limites 180
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
Estruturação do sujeito 109
Etéocles 110
Ética da clínica psicanalítica 23
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
Experiência cinematográfica 91
Experiência de contato emocional 3
Experiência emocional 3, 5
Expressões míticas contemporâneas 89
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
Fedra 75
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
Fenômenos transicionais 33
Figura materna 97, 98, 101
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
Fim trágico 92, 102, 103
Formação do Eu 50
Formação reativa 187, 199
Fórmulas da sexualização 150, 151
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
Função do analista 156
Função do psicanalista 167
Função materna 33, 36, 44, 98, 151
Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
Fundamento da clínica 158
Fundamentos da psicanálise 12
Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
Hécate 67, 73
Helena 69
Hélio 40, 67
Hemon 112
Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
Hércules 69, 70, 83, 105
Hermes 68, 77
Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
Hesíodo 5, 8, 60, 63
Hipólito 75, 84, 153
Histórias de captura 38, 46
Homem contemporâneo 19, 20
Homem psicanalítico 102
Homem trágico 103, 173
Homero 25
Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169

Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106

Imagem especular 49, 53, 55, 59

Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63

Imobilidade mental 3, 4

Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203

Independência 32, 33, 45, 115

Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195

Ino 174

Inominável do gozo 117

Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183

Investimento libidinal 34, 52

Investimento narcísico materno 34

Investimento pulsional 38

Ismene 110, 112

J

Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199

Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139

John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

Labdácidas 114

Laço social 111

Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141

Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188

Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61

Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sofrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3


Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Atena
Editora
Ano 2023

